

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO – UENF
CENTRO DE CIÊNCIA DO HOMEM – CCH
GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**

**PERMANÊNCIA ESTUDANTIL DE MULHERES COTISTAS COMO FENÔMENO
SOCIOACADÊMICO NA UENF: INTERSECCIONALIDADE, POLÍTICAS
AFIRMATIVAS E PROESA NOS CURSOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS E
ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (2019 A 2024)**

KAUÊ NOGUEIRA DE SOUSA

**CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ
JUNHO – 2026**

**PERMANÊNCIA ESTUDANTIL DE MULHERES COTISTAS COMO FENÔMENO
SOCIOACADÊMICO NA UENF: INTERSECCIONALIDADE, POLÍTICAS
AFIRMATIVAS E PROESA NOS CURSOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS E
ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (2019 A 2024)**

KAUÊ NOGUEIRA DE SOUSA

Monografia apresentada ao curso de Administração Pública do Centro de Ciências do Homem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense, como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Administração Pública.

Orientador: Prof. Dr. Edson Terra Azevedo Filho

Coorientador: Ma. Patricia Helena Barbosa Azevedo

**CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ
JUNHO – 2026**

**PERMANÊNCIA ESTUDANTIL DE MULHERES COTISTAS COMO FENÔMENO
SOCIOACADÊMICO NA UENF: INTERSECCIONALIDADE, POLÍTICAS
AFIRMATIVAS E PROESA NOS CURSOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS E
ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (2019 A 2024)**

KAUÊ NOGUEIRA DE SOUSA

Monografia apresentada ao curso de Administração
Pública do Centro de Ciências do Homem, da
Universidade Estadual do Norte Fluminense, como
parte das exigências para obtenção do título de
Bacharel em Administração Pública.

Aprovada em 25/06/2026.

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente



ANGELO GONCALVES DIAS

Data: 26/06/2026 16:21:44-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Me. Angelo Gonçalves Dias (IFF)
Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF

Documento assinado digitalmente



NILO LIMA DE AZEVEDO

Data: 27/06/2026 10:33:17-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Nilo Lima de Azevedo (LGPP - UENF)
Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF

Documento assinado digitalmente



PATRICIA HELENA BARBOSA AZEVEDO

Data: 26/06/2026 16:27:36-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ma. Patricia Helena Barbosa Azevedo (LEEL - UENF)
Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF
(Coorientador)

Documento assinado digitalmente



EDSON TERRA AZEVEDO FILHO

Data: 26/06/2026 17:39:47-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Edson Terra Azevedo Filho (LGPP – UENF)
Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF
(Orientador)

À minha família, em especial à minha mãe, à minha irmã e à minha avó, que construíram o alicerce inabalável da minha trajetória universitária.

A todos aqueles que, um dia, sentiram-se sem voz para expressar seus sentimentos e opiniões em um mundo que tenta invalidar suas identidades. Que a nossa existência e a nossa presença nos espaços acadêmicos sejam sempre um ato de resistência, provando que nenhum silenciamento é definitivo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que me conduziu em todo caminho universitário e permitiu essa conclusão do bacharelado em Administração Pública.

Aos meus familiares, especialmente minha mãe, Edilamarcia Nogueira, professora do ensino básico público, que é o principal alicerce da minha vida e é a pessoa que sempre me incentivou a estudar e buscar o melhor, não me deixando desistir dos meus sonhos.

À minha avó Cleuza, cuja presença material é, hoje, inexistente, mas está presente em espírito e essência para me incentivar a levantar todos os dias e lutar pela minha educação.

À Ma. Patrícia Helena Barbosa Azevedo, co-orientadora e grande amiga, pelas conversas dentro do Gabinete 5 e pela orientação não só nesta monografia mas durante toda a trajetória do curso.

Ao Prof. Dr. Edson Terra Azevedo Filho, por me auxiliar nessa reta final de graduação e se oferecer para ser meu Orientador.

Aos amigos que fiz durante estes 9 períodos do curso, em especial à Kamily Galvani, cujas risadas e conversas tornaram os períodos letivos mais leves e suportáveis.

À Prof. Dr. Gerson Tavares do Carmo, grande profissional e amigo, que, em um dos momentos mais difíceis de minha vida - pessoal e acadêmica -.me ofereceu o suporte necessário para minha permanência no curso, me convidando para ser seu bolsista de Iniciação Científica.

À Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF, aos alunos que foram a base para esta pesquisa. Vocês são a base da educação e devem ser preservados e incentivados diariamente.

Ao Laboratório de Gestão de Políticas Públicas - LGPP, pela oferta de disciplinas estruturadas e ricas em conteúdos que nos formam Administradores Públicos de excelência.

Obrigado a todos por tudo.

A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um local de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo que imaginamos coletivamente modos de ultrapassar as fronteiras, de transgredir.

(Hooks, 2013, p. 273)

RESUMO

SOUSA, K. N. **Permanência estudantil de mulheres cotistas como fenômeno socioacadêmico na UENF**: interseccionalidade, políticas afirmativas e PROESA nos cursos de Ciências Sociais e Administração Pública (2019 a 2024). Campos dos Goytacazes/RJ: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, 2026.

O presente trabalho investiga a permanência estudantil de mulheres cotistas como um fenômeno socioacadêmico na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), delimitando-se aos cursos de Administração Pública e Ciências Sociais, com o acompanhamento das coortes de 2019 a 2024. O estudo propõe uma virada conceitual crítica, deslocando o foco da evasão para a compreensão profunda dos mecanismos de persistência, pautando-se em uma leitura positiva da relação com o saber. Sob a lente da interseccionalidade, analisa-se como as vulnerabilidades de gênero, raça e classe, somadas à sobrecarga da tripla jornada, atravessam a trajetória acadêmica dessas discentes no que se designou como labirinto socioacadêmico. A metodologia emprega uma análise quantitativa do fluxo evidenciando o "efeito protetor" presente no Perfil C (mulheres cotistas), o qual apresenta taxas de sobrevivência acadêmica superiores aos demais grupos, mesmo diante de maiores vulnerabilidades socioeconômicas. Qualitativamente, a pesquisa utiliza o Endoscópio Socioacadêmico para observar as mediações no cotidiano da sala de aula. Os resultados indicam que, embora o suporte material das políticas afirmativas de assistência estudantil seja um alicerce inegociável, o sucesso acadêmico e a resistência são sustentados de forma determinante pela formação de Proximidades Espontâneas Socioacadêmicas (PROESA). Conclui-se que essas estudantes subvertem a lógica excludente por meio de redes de solidariedade baseadas na economia da dádiva, transformando a permanência universitária em uma conquista coletiva.

Palavras-chave: permanência estudantil; mulheres cotistas; interseccionalidade; políticas afirmativas; PROESA.

ABSTRACT

SOUSA, K. N. **Student persistence of female quota students as a socioacademic phenomenon at UENF**: intersectionality, affirmative policies, and PROESA in the Social Sciences and Public Administration courses (2019 to 2024). Campos dos Goytacazes/RJ: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, 2026.

The present study investigates the persistence of female quota students as a socioacademic phenomenon at the Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), specifically within the Public Administration and Social Sciences programs, tracking the 2019 to 2024 cohorts. The research proposes a critical conceptual shift, moving the focus from dropout rates to a deep understanding of persistence mechanisms, guided by a positive reading of the relationship with knowledge. Through an intersectional lens, it analyzes how vulnerabilities related to gender, race, and class, combined with the burden of the triple shift, shape the academic trajectory of these students in what is termed the socioacademic labyrinth. The methodology employs a quantitative analysis of student flow — making a methodological distinction between false and real dropouts — highlighting the "protective effect" found in Profile C (female quota students), which demonstrates higher academic survival rates than other groups despite greater socioeconomic vulnerabilities. Qualitatively, the research utilizes the Socioacademic Endoscope to observe daily mediations in the classroom. The results indicate that while the material support of affirmative action policies is an undeniable foundation, academic success and resistance are decisively sustained by the formation of Spontaneous Socioacademic Proximities (PROESA). The study concludes that these students subvert exclusionary logic through solidarity networks based on the gift economy, transforming university persistence into a collective achievement.

Keywords: student persistence; female quota students; intersectionality; affirmative action policies; PROESA.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Classificação Interseccional dos Perfis Discentes (Coortes 2019 a 2024)

Tabela 1 - Taxas de Permanência e por Perfil Interseccional nos cursos de Administração Pública e Ciências Sociais do CCH (2019-2024)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 O FENÔMENO DA PERMANÊNCIA ESTUDANTIL E O CONHECIMENTO PÚBLICO.....	13
2.1 Persistência e Permanência: diferenciação conceitual ao olhar estudantil....	13
2.2 Da evasão à permanência e a leitura positiva do mundo.....	15
2.3 A Ciência Pós-Acadêmica e a produção de "Public Knowledge".....	17
2.4 Labirinto Socioacadêmico e a distinção analítica: Falsa Evasão vs. Evasão Real.....	18
2.5 A Insuficiência dos dados do INEP no acompanhamento da permanência...	20
3 TRAJETÓRIAS SOCIOACADÊMICAS: INTERSECCIONALIDADE, POLÍTICAS AFIRMATIVAS E A RELAÇÃO COM O SABER.....	22
3.1 O perfil socioacadêmico sob a lente da Interseccionalidade.....	22
3.2 A Evidência Quantitativa como Virada de Chave: Por que as Mulheres Cotistas?.....	25
3.3 Políticas Afirmativas como suporte material: Cotas, Permanência e Moradia	27
3.4 A "Relação com o Saber" e a mobilização das estudantes cotistas.....	29
4. A FORÇA DA PROESA: DADOS E REDES DE PERSISTÊNCIA NOS CURSOS DO CCH (2019 A 2024).....	32
4.1 Análise quantitativa do fluxo: o “efeito protetor” do Perfil C (2019 a 2024)....	32
4.2 Endoscópio Socioacadêmico e as mediações no cotidiano da sala de aula..	35
4.3 Proximidades Espontâneas Socioacadêmicas (PROESA): o fio de Ariadne e a resistência coletiva.....	36
4.4 A Economia da Dívida e a Retribuição Socioacadêmica para as mulheres cotistas.....	38
5 CONCLUSÃO.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

1 INTRODUÇÃO

O ensino superior público brasileiro enfrenta historicamente o desafio da evasão estudantil, cujos altos índices refletem a complexidade e as desigualdades do nosso sistema educacional. Frequentemente, os debates acadêmicos e as métricas institucionais, como as do Censo da Educação Superior, concentram-se de forma exaustiva na quantificação dessas perdas e nos gargalos sistêmicos. Contudo, analisar a trajetória dos discentes apenas pelo viés do abandono limita a compreensão das reais dinâmicas que ocorrem no cotidiano universitário. É preciso, portanto, ir além da ótica meramente contábil de perdas numéricas para enxergar o estudante em sua totalidade.

Diante desse cenário, a presente pesquisa propõe uma virada conceitual crítica¹, deslocando o foco da evasão para a compreensão profunda dos mecanismos de persistência. Inspirando-se na célebre indagação de Paiva (2016, p. 112), “por que ficam os que ficam?”², este estudo busca entender as estratégias de quem resiste ao ambiente acadêmico. Fundamentamo-nos nas proposições de Tinto (2006), as quais demonstram que os motivos para permanecer não são simplesmente o oposto dos motivos para evadir. A permanência é, na verdade, uma construção ativa e contínua, mediada pela integração social e acadêmica do aluno.

Para investigar esse fenômeno, delimitamos nosso recorte aos cursos de Administração Pública e Ciências Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), no período de 2019 a 2025. Ao longo do acompanhamento contínuo dessas turmas, observou-se que a dinâmica de persistência se manifesta de forma bastante diferenciada entre os diversos perfis discentes. Destaca-se, de modo singular, a expressiva resiliência das mulheres cotistas, que enfrentam desafios interseccionais complexos em suas trajetórias de vida e estudo. Assim, voltamos nosso olhar para as estratégias elaboradas por essas estudantes dentro do que se convencionou chamar de labirinto acadêmico³

¹ O termo "virada conceitual crítica" foi criado por Cola (2022) para destacar a divisão epistemológica nas pesquisas de Vincent Tinto, distinguindo as abordagens anteriores e posteriores ao ano de 2006 sobre a permanência estudantil.

² Questionamento que propõe superar o foco exclusivo na massa de sujeitos que abandonam o ensino, rompendo com a reiteração do fracasso, para buscar compreender as dinâmicas e estratégias de sucesso daqueles que permanecem na escola/universidade.

³ Metáfora inspirada na obra e adaptação cinematográfica *The Maze Runner* (2014), estruturada por Pinheiro (2023) para ilustrar a universidade como um espaço repleto de desafios,

(Pinheiro, 2023).

Nesse contexto, consolida-se o problema de pesquisa: como a permanência estudantil de mulheres cotistas se configura como fenômeno socioacadêmico na UENF, considerando a interseccionalidade, as políticas afirmativas, as mediações da Proximidade Espontânea Socioacadêmica (PROESA)⁴ e a distinção entre evasão real e falsa evasão⁵? A justificativa deste trabalho ancora-se na necessidade de produzir o que Ziman (1968) define como conhecimento público (*public knowledge*). Compreender o sucesso acadêmico dessas mulheres transcende o interesse meramente administrativo, validando a eficácia das políticas de inclusão. Trata-se de uma missão institucional que transforma a experiência individual de resistência em um fato científico voltado à justiça social (Ziman, 2000).

Diante da problemática exposta, o objetivo geral desta monografia é analisar a permanência estudantil dessas mulheres cotistas como um fenômeno socioacadêmico indissociável das conexões estabelecidas em sala de aula (Carmo; Manhães; Souza, 2020). Para alcançá-lo, são definidos como objetivos específicos o mapeamento de seus perfis e trajetórias, além da análise de como os marcadores de gênero, raça e classe atravessam essa persistência. Busca-se, também, identificar a incidência da falsa evasão nas coortes, descrever a atuação das conexões socioacadêmicas como redes de suporte e avaliar o diálogo entre os auxílios institucionais e as necessidades desse grupo.

Para contemplar essas metas, o presente trabalho encontra-se estruturado em três seções fundamentais, além desta introdução e das considerações finais. A primeira seção constrói a base teórica sobre a ciência pós-acadêmica, a leitura positiva do mundo e a insuficiência dos dados oficiais. A segunda seção aborda a interseccionalidade, as políticas afirmativas de suporte material e a relação com o saber que mobiliza esses estudantes. Por fim, a terceira seção apresenta os dados quantitativos longitudinais e discute a força das redes de PROESA como o fio

regras e "verdugos" (obstáculos) que exigem do aluno a busca por caminhos e estratégias de sobrevivência até a obtenção do diploma.

⁴ As PROESAs referem-se a comunidades socioacadêmicas espontâneas formadas por forças de atração mútua entre estudantes, gerando simultâneas trocas de saberes, apoio emocional e sociabilidade que auxiliam diretamente na persistência acadêmica.

⁵ A falsa evasão compreende aqueles discentes que efetivam a matrícula no sistema institucional, mas que nunca chegam a frequentar as atividades acadêmicas, diferenciando-se da evasão sistêmica de alunos que efetivamente ingressaram e tentaram persistir no curso.

condutor para a saída do labirinto socioacadêmico.

Cabe destacar, por fim, a dimensão ética que resguarda o desenvolvimento desta investigação empírica. Por se tratar de um estudo que envolve a observação direta e a análise das vivências subjetivas de estudantes no cotidiano universitário, a condução da pesquisa alicerçou-se rigorosamente nas normativas vigentes do Conselho Nacional de Saúde (CNS), com especial atenção à Resolução nº 510/2016, que regulamenta os trabalhos nas áreas das Ciências Humanas e Sociais. Todo o delineamento metodológico, incluindo os instrumentos de observação e coleta de dados, foi submetido à Plataforma Brasil e cancelado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da instituição, obtendo parecer favorável para a sua execução. O projeto encontra-se devidamente registrado e aprovado sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAEE) nº 67008523.8.0000.5244. Dessa forma, assegurou-se não apenas a validade científica do estudo, mas o respeito inegociável à integridade, ao consentimento e à dignidade de todos os sujeitos envolvidos.

2 O FENÔMENO DA PERMANÊNCIA ESTUDANTIL E O CONHECIMENTO PÚBLICO

Esta primeira seção de desenvolvimento dedica-se à fundamentação teórica e ao alinhamento conceitual que sustentam a investigação sobre a persistência no ensino superior. O objetivo central é situar o debate para além das estatísticas de abandono, focando nos mecanismos que favorecem a continuidade e o sucesso das estudantes. Através de uma revisão crítica, explora-se a necessidade de uma visão institucional que valorize a mobilização do sujeito e a produção de um conhecimento cientificamente validado e socialmente responsável.

Adicionalmente, essa seção introduz ferramentas analíticas essenciais para a compreensão das dinâmicas intramuros, como a metáfora do labirinto e a diferenciação entre os tipos de evasão. Discute-se, também, a importância de uma gestão pública baseada em evidências locais, dada a insuficiência dos indicadores nacionais em capturar a complexidade do quotidiano universitário. Esta base teórica prepara o caminho para a análise detalhada dos perfis interseccionais e das estratégias de resistência que constituem o cerne desta monografia.

2.1 Persistência e Permanência: diferenciação conceitual ao olhar estudantil.

No campo da sociologia da educação superior e nos documentos de formulação de políticas públicas, as categorias "permanência" e "persistência" são reiteradamente operadas como sinônimos. Contudo, o avanço na compreensão do fluxo discente exige uma demarcação conceitual rigorosa entre esses dois termos. Estabelecer essa fronteira não se trata de um mero preciosismo semântico, mas de uma urgência epistemológica que define o foco, a ética e a intencionalidade de toda a investigação socioacadêmica. A confusão burocrática entre esses conceitos tem sido, historicamente, um dos maiores entraves para a construção de uma universidade que seja, de fato, emancipatória.

Sob o ponto de vista da Administração Pública e da gestão universitária, a permanência⁶ é um conceito de natureza estritamente institucional. Ela representa o

⁶ Na literatura sociológica internacional, particularmente na de língua inglesa que originou grande parte dos estudos de fluxo (como os do próprio Vincent Tinto), essa distinção é tratada sob os

olhar que opera de "cima para baixo". Para as secretarias, ministérios e reitorias, a permanência é uma métrica de eficiência organizacional: é a estatística que garante a continuidade do repasse de financiamentos, que justifica os gastos públicos e que evita a ociosidade das vagas ofertadas pelo Estado. Consequentemente, quando a universidade estrutura suas "políticas de permanência" — materializadas, sobretudo, nos programas de concessão de bolsas, auxílio-alimentação e moradia —, ela está operando mecanismos estruturais para reter o corpo discente e manter o sistema funcionando. A instituição mede, financia e contabiliza a permanência, mas ela não a vivencia em sua subjetividade.

A persistência, por outro lado, é um conceito visceralmente discente e reflete o olhar "de baixo para cima". Os estudantes não ingressam no ensino superior imbuídos do objetivo institucional de serem "retidos" por uma burocracia estatal; eles buscam persistir para conquistar um diploma, alterar sua realidade de classe e viabilizar um projeto de vida. Essa mudança de paradigma foi brilhantemente sintetizada por Vincent Tinto em sua fase de maturidade intelectual, ao alertar que as universidades falham quando tentam resolver problemas estudantis pensando apenas como instituições:

As instituições pensam na retenção; os estudantes pensam na persistência. Embora a diferença possa parecer apenas semântica, ela não é. A retenção é uma medida de sucesso institucional. [...] A persistência, por outro lado, é a medida do sucesso do estudante em atingir seus objetivos. É a manifestação dos comportamentos dos estudantes que os levam à conclusão do curso. (Tinto, 2017, p. 254, tradução própria).⁷

A partir dessa perspectiva, compreende-se a persistência como a manifestação pura da agência humana. Ela é a força motriz e o esforço contínuo do indivíduo em transpor as barreiras materiais, cognitivas e emocionais do cotidiano acadêmico. Enquanto a permanência é um dado frio e estático no censo do INEP, a

vocábulos "*retention*" (retenção institucional) e "*persistence*" (persistência discente). No Brasil, o termo "retenção" adquiriu muitas vezes uma conotação negativa (o aluno que é reprovado e fica "retido" na disciplina). Por isso, no contexto brasileiro de políticas públicas, consolidou-se o uso do termo "permanência" para designar a ação institucional de evitar a evasão, sendo este o termo adotado ao longo desta pesquisa para dialogar com a literatura nacional.

⁷ "*Institutions think in terms of retention; students think in terms of persistence. Though the difference may appear to be only semantic, it is not. Retention is an institutional measure of success. [...] Persistence, on the other hand, is a student measure of success in achieving their goals. It is the manifestation of student behaviors that lead to degree completion.*"

persistência é o suor derramado na tripla jornada, é a privação de sono das mães universitárias e a organização das táticas de sobrevivência desenvolvidas por quem está à margem do modelo tradicional de estudante. A centralidade dessa distinção teórica para o desenvolvimento desta monografia é absoluta. O labirinto socioacadêmico imposto pelos cursos do Centro de Ciências do Homem (CCH) produz ameaças constantes — como a vulnerabilidade econômica, as lacunas oriundas do ensino básico e o peso da divisão sexual do trabalho. As políticas governamentais de permanência, sozinhas, revelam-se insuficientes para explicar a dinâmica do fluxo. Se a bolsa financeira fosse a única variável, homens e mulheres teriam exatamente o mesmo tempo de sobrevivência acadêmica, o que os dados quantitativos desta pesquisa já provaram ser uma premissa falsa.

Ao delimitar seu objeto de estudo nas mulheres cotistas, este trabalho desloca propositalmente o eixo de observação: sai da frieza institucional da permanência para investigar a vitalidade da persistência. Reconhece-se que as políticas afirmativas e os auxílios estatais oferecem o piso material inegociável, mas é a persistência — materializada na rede de afetos, na troca de saberes e no fenômeno das Proximidades Espontâneas Socioacadêmicas (PROESA) — que atua como o motor capaz de converter a oportunidade de acesso no efetivo direito à formatura. Observar a persistência, portanto, é o caminho metodológico escolhido para devolver o protagonismo da educação superior às próprias estudantes.

2.2 Da evasão à permanência e a leitura positiva do mundo

A problemática da trajetória discente no ensino superior brasileiro tem demandado uma reestruturação profunda nas abordagens investigativas, exigindo o abandono da visão meramente contábil que historicamente pautou os estudos educacionais. Durante décadas, as pesquisas concentraram-se de forma massiva na evasão, partindo da suposição de que compreender as causas do abandono seria suficiente para solucionar o problema da retenção de alunos. Contudo, Tinto adverte enfaticamente que evadir não é, sob nenhuma hipótese, a imagem espelhada de permanecer. Em uma de suas obras fundamentais para essa mudança de paradigma, o autor (Tinto, 2006, p. 6, tradução nossa) consolida essa visão ao afirmar que:

“Sair não é o oposto de ficar. Saber por que os alunos desistem não nos diz, pelo menos não diretamente, porque os estudantes persistem. Mais importante ainda, saber por que o aluno sai não diz às instituições, pelo menos não diretamente, o que elas podem fazer para ajudar os alunos a permanecer e ter sucesso. No mundo da ação, o que importa não são nossas teorias em si, mas como elas ajudam as instituições a lidarem com questões urgentes sobre a persistência dos alunos” (Tinto, 2006, p.6. Tradução Própria).⁸

Em suma, saber por que o aluno sai não informa às instituições, pelo menos não diretamente, o que elas devem fazer na prática para ajudar os estudantes a persistirem e alcançarem o sucesso acadêmico.

Essa constatação instaura o que se convencionou denominar de virada conceitual crítica⁹, deslocando o foco analítico da ausência para a presença. O estudo da permanência requer um giro paradigmático, substituindo a denúncia daquilo que falta no aluno ou na instituição por uma investigação rigorosa sobre as dinâmicas de persistência. Em outras palavras, a academia passa a se debruçar sobre a seguinte questão norteadora: por que ficam os que ficam, mesmo diante de inúmeras adversidades?

Para dar suporte a essa nova lente investigativa, a pesquisa ancora-se na "leitura positiva do mundo", conceito formulado pelo pesquisador francês Bernard Charlot. Praticar essa leitura positiva significa prestar atenção naquilo que as pessoas fazem, conseguem, têm e são, rejeitando a análise que as julga unicamente por suas falhas e supostas carências socioculturais. Nesse sentido, em vez de patologizar a estudante em situação de vulnerabilidade, o pesquisador passa a questionar quais táticas essa discente implementa, qual o sentido que ela confere à situação e que tipo de redes de solidariedade ela tece para resistir. No contexto do ensino superior público e, mais especificamente, da UENF, essa abordagem afirmativa torna-se essencial para compreender a resiliência das mulheres cotistas.

⁸ *“Leaving is not the mirror image of staying. Knowing why students leave does not tell us, at least not directly, why students persist. More importantly it does not tell institutions, at least not directly, what they can do to help students stay and succeed. In the world of action, what matters are not our theories per se, but how they help institutions address pressing practical issues of persistence”*

⁹ A "virada conceitual crítica" refere-se à divisão epistemológica na obra de Vincent Tinto, marcando a transição de seus estudos iniciais focados nas causas da evasão para suas investigações posteriores a 2006, as quais passaram a focar nas condições institucionais e pedagógicas que promovem a permanência e o êxito (Cola, 2022).

A permanência é sustentada pela "mobilização" da sujeita, um movimento interno no qual ela utiliza a si própria como recurso para adentrar a atividade intelectual. O ato de aprender, sob a lente positiva, exige que a estudante construa uma "relação com o saber" autêntica e de enfrentamento, transformando a universidade em um projeto palpável de emancipação. A permanência, contudo, é sustentada pela "mobilização" do sujeito, um movimento de "dentro para fora" no qual o aluno utiliza a si próprio como recurso para adentrar uma atividade intelectual. Para Charlot (2000), o ato de aprender exige que o discente construa uma "relação com o saber" autêntica, atribuindo sentido e desejo aos saberes-objetos acadêmicos para, assim, transformar a estadia na universidade em um projeto de emancipação.

2.3 A Ciência Pós-Acadêmica e a produção de "*Public Knowledge*"

A universidade contemporânea, especialmente as instituições públicas de excelência como a UENF, não opera mais como uma torre de marfim isolada de seu entorno socioeconômico. Ela insere-se integralmente na lógica daquilo que Ziman (1996) categoriza como "ciência pós-acadêmica"¹⁰. No antigo regime de ciência acadêmica, a pesquisa era frequentemente pautada pelo ideal romântico do cientista isolado, motivado unicamente pela curiosidade e avaliado apenas por seus pares. No panorama epistemológico pós-acadêmico, a produção do saber passa a ser orientada por missões interdisciplinares e deve responder ativamente a demandas externas. A instituição é instada a produzir conhecimentos que não apenas preencham lacunas teóricas, mas que sejam social, ética e politicamente relevantes para a coletividade.

Diante dessa complexa reconfiguração, assegurar a permanência e o êxito do corpo discente transcende a mera gestão burocrática de fluxo e matrículas. Estudar as trajetórias daqueles que resistem na universidade consolida-se como uma autêntica missão de produção de ciência. Ao documentar como as políticas de ações afirmativas impactam a vida de mulheres de Administração Pública e Ciências Sociais, a universidade realiza um diagnóstico interno vital, avaliando a eficácia real da sua política de inclusão.

¹⁰ "*Post-academic' science*" (Ziman, 1996)

Esse processo coaduna-se perfeitamente com o arcabouço teórico de Ziman (1968), o qual defende que o objetivo supremo da pesquisa é a construção de "*Public Knowledge*"¹¹:

“A ciência não é meramente a publicação de resultados. O conhecimento científico não é meramente a acumulação de fatos relatados; ele deve ser público não apenas no sentido de ser publicado, mas no sentido de ser consensualmente aceito e de pertencer à comunidade” (Ziman, 1968, p. 9, tradução nossa).¹²

Ao tratar, portanto, a permanência não como estatísticas frias, mas como um fenômeno sociológico que exige respostas responsáveis, a pesquisa valida as experiências de resistência. O mapeamento longitudinal das mulheres cotistas entre 2019 e 2024 produz, portanto, um conhecimento público que instrumentaliza a gestão educacional. Essa ciência, pautada em evidências locais, legitima o direito de permanência, oferecendo à universidade a oportunidade de não apenas constatar o sucesso ou o fracasso de suas políticas, mas de refiná-las constantemente em prol de uma justiça cognitiva e social.

2.4 Labirinto Socioacadêmico e a distinção analítica: Falsa Evasão vs. Evasão Real

O ingresso em um curso de graduação projeta imediatamente o discente em um ecossistema institucional denso, permeado por lógicas de poder, normas implícitas e exigências rigorosas. Inicialmente, essa realidade foi magistralmente ilustrada por Pinheiro (2023) por meio da metáfora do "Labirinto Acadêmico", na qual a universidade é descrita como um espaço de travessia onde o calouro precisa decifrar códigos curriculares para persistir e não sucumbir aos "verdugos"¹³ institucionais.

¹¹ Conhecimento público : conceito que define a ciência como um sistema social de saberes testados e compartilhados que pertencem integralmente à comunidade (Ziman, 1968).

¹² "*Science is not merely the publication of results. Scientific knowledge is not merely the accumulation of reported facts; it must be public not only in the sense of being published, but in the sense of being consensually accepted and of belonging to the community.*"

¹³ Termo empregado para designar as ameaças e fragilidades, como ansiedade e dificuldades financeiras, que atacam o estudante no percurso formativo (Pinheiro, 2023).

Contudo, para abarcar a complexidade interseccional e humana das mulheres cotistas avaliadas nesta pesquisa, fez-se necessária uma evolução conceitual indispensável: a transição de "Labirinto Acadêmico" para "Labirinto Socioacadêmico". Essa alteração encontra sólida justificativa teórica nos recentes desenvolvimentos trazidos pela dissertação de mestrado de Azevedo (2023). Segundo a autora, a permanência não se restringe às batalhas estritamente acadêmicas (aprovação em disciplinas, compreensão de textos densos ou elaboração de provas). O percurso formativo é, na verdade, indissociável das condições objetivas de vida do discente.

Azevedo argumenta que o ambiente universitário é um Labirinto Socioacadêmico porque é "marcado por caminhos incertos e barreiras que desafiam a permanência estudantil; o minotauro simbolizando o conjunto desses obstáculos socioacadêmicos, sejam estruturais, éticos, institucionais ou pessoais que consomem tempo, energia e integridade" (Azevedo, 2023). Dessa forma, a inclusão do prefixo "socio" reconhece que a jornada dupla, a maternidade, o esgotamento físico pelo deslocamento e a vulnerabilidade material não são "ruídos" externos à academia, mas componentes centrais do próprio labirinto. Consequentemente, as estratégias de sobrevivência exigidas da estudante cotista não são apenas cognitivas, mas profundamente relacionais e sociais.

Para perscrutar as dinâmicas de fluxo de forma fidedigna, é vital operar uma distinção metodológica apontada pela literatura sobre avaliação educacional: a separação entre a "evasão real" e a chamada "falsa evasão". Enquanto o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e os censos oficiais tendem a contabilizar todos os desligamentos de forma unificada, os diagnósticos institucionais demonstram que nem todo abandono possui a mesma natureza. A falsa evasão, frequentemente descrita nos debates educacionais como abandono cartorial, engloba aqueles indivíduos que apenas efetivam a matrícula no sistema (através do SISU, por exemplo), mas que nunca chegam a frequentar as atividades acadêmicas. Eles constam nos diários e ocupam vagas nominais, mas nunca adentraram de fato o Labirinto Socioacadêmico. Em contrapartida, a evasão real define o discente que efetivamente iniciou o curso, tentou atravessar o labirinto, sofreu a ação direta das vulnerabilidades materiais e emocionais (os "minotauros"), mas acabou derrotado. Aplicar essa distinção é um pilar indispensável para não mascarar a pesquisa. Se a análise tratar a mera ausência cartorial como um

fracasso das políticas de permanência, penalizará indevidamente a eficácia da rede de acolhimento que atua dentro do campus (como os auxílios estudantis e as PROESA).

2.5 A Insuficiência dos dados do INEP no acompanhamento da permanência

O delineamento de políticas públicas educacionais depende, de forma umbilical, de sistemas de informação que reflitam a realidade de maneira holística e dinâmica. No Brasil, os parâmetros macroestruturais são fornecidos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e pelos relatórios do Censo da Educação Superior. Contudo, apesar de sua incontestável relevância para a construção de panoramas nacionais, como a evidenciação de taxas globais de desistência na rede pública, esses dados apresentam limitações severas e, em certa medida, paralisantes para o acompanhamento contínuo da permanência estudantil no nível intramuros.

O primeiro limite dos indicadores oficiais reside no atraso cronológico entre a coleta e a publicação dos resultados. Atualmente, os acompanhamentos de trajetória mais recentes disponibilizados pelo INEP ainda tratam de estudantes que ingressaram em 2020, utilizando parâmetros consolidados apenas em 2024. Essa demora excessiva impede que os gestores percebam as mudanças reais que ocorrem no cotidiano acadêmico, especialmente os novos desafios surgidos nas salas de aula após o período da pandemia.

Além da lentidão temporal, as estatísticas governamentais possuem uma natureza impessoal que tende a focar, quase exclusivamente, no fracasso institucional. Os sistemas registram com precisão as saídas e abandonos, mas não possuem ferramentas para enxergar o esforço e a vontade de permanecer. Sem um olhar mais próximo e humanizado, os números ignoram como o apoio entre colegas e a política de cotas se unem para salvar trajetórias. O dado oficial acaba, contudo, sendo distinto da vida real, escondendo as redes de afeto e as estratégias que os estudantes utilizam para não desistir da universidade.

O limite mais severo do INEP, e que impacta diretamente os achados desta investigação, é a sua grave deficiência na discriminação longitudinal e interseccional dos alunos cotistas. Embora os microdados do censo permitam alguns cruzamentos

pontuais, as sinopses e os indicadores oficiais de fluxo tratam o corpo discente como uma massa generalista e homogênea. O sistema fracassa ao não isolar, com a devida clareza, a modalidade de ingresso (cotas sociais e raciais) atrelada aos marcadores de gênero e raça ao longo de toda a coorte. Tal carência legítima de forma evidente a adoção de metodologias internas, longitudinais e independentes, a exemplo do recorte adotado de 2019 a 2024. Como alerta Tinto (2017), a retenção vista pelos olhos da instituição é apenas uma medida de manutenção administrativa. Para compreender o sucesso do estudante, é preciso abandonar a dependência exclusiva dos grandes censos governamentais e adentrar o espaço relacional da sala de aula.

3 TRAJETÓRIAS SOCIOACADÊMICAS: INTERSECCIONALIDADE, POLÍTICAS AFIRMATIVAS E A RELAÇÃO COM O SABER

A terceira seção desta monografia dedica-se a aprofundar a análise das trajetórias discentes, operando a transição necessária entre as discussões macroestruturais sobre evasão e a realidade vivida no interior da universidade. Se o capítulo anterior estabeleceu a urgência de uma leitura afirmativa da permanência e demonstrou a insuficiência dos indicadores oficiais gélidos, este segmento avança para o cotidiano do curso, buscando compreender como as vulnerabilidades estruturais moldam a experiência universitária. O objetivo central desta parte da monografia é articular as dimensões sociais, materiais e subjetivas que compõem a jornada acadêmica, evidenciando que a sobrevivência no ensino superior não é um dado neutro, mas um processo profundamente atravessado por marcadores de classe, raça e, sobretudo, de gênero.

Para tanto, a discussão inicia-se com a adoção da interseccionalidade como lente analítica indispensável para perscrutar o perfil socioacadêmico do corpo discente, revelando como a sobrecarga da tripla jornada e a divisão sexual do trabalho impactam a rotina das estudantes. Em seguida, o texto apresenta a "virada de chave" quantitativa da pesquisa, que justifica o foco científico nas mulheres cotistas ao comprovar empiricamente que este grupo possui as maiores taxas de persistência no labirinto socioacadêmico. A partir dessa constatação, o capítulo explora os limites do indispensável suporte material oferecido pelas políticas afirmativas e mergulha na teoria da "Relação com o Saber", demonstrando que o sucesso acadêmico dessas mulheres exige uma mobilização íntima e política com o conhecimento, movimento que prepara o terreno para a consolidação das redes de solidariedade detalhadas na etapa seguinte do trabalho.

3.1 O perfil socioacadêmico sob a lente da Interseccionalidade

A análise sociológica contemporânea das trajetórias estudantis no ensino superior público exige, de forma inegociável, o abandono definitivo de perspectivas teóricas unidimensionais ou excessivamente simplistas. Para compreender com rigor

a complexidade e a diversidade de quem efetivamente habita e sobrevive na universidade de hoje, é absolutamente fundamental utilizar a lente teórica e metodológica da interseccionalidade. Este conceito, amparado e consolidado nas discussões pioneiras de teóricas como Kimberlé Crenshaw e Patricia Hill Collins, permite ao investigador visualizar como as diferentes estruturas históricas de poder e de desigualdade, tais como o gênero, a pertença racial e a classe social, se cruzam e moldam a vida do sujeito de uma forma intrinsecamente inseparável.

Na prática acadêmica diária, adotar a interseccionalidade significa reconhecer que uma estudante universitária não é "apenas mulher" ou "apenas oriunda de uma classe popular"; ela vivencia os impactos diretos e simultâneos destas condições de maneira sobreposta. Esta sobreposição gera desafios específicos e muitas vezes invisíveis aos olhos da instituição, mas também fomenta o desenvolvimento de estratégias de sobrevivência e de resistência singulares que merecem ser estudadas.

No cotidiano dos cursos de Administração Pública e de Ciências Sociais da UENF, a interseccionalidade manifesta-se de forma muito evidente e material na divisão estrutural das tarefas e nas possibilidades reais de dedicação exclusiva aos estudos. A mulher que ingressa no ensino superior por meio das políticas de ações afirmativas (cotas) enfrenta, de forma quase sistemática, o que a sociologia do trabalho denomina de "tripla jornada". Ela necessita de equilibrar, num espaço de vinte e quatro horas, as pesadas exigências de leitura e de trabalhos de um curso integral, a urgência de gerar algum tipo de rendimento (muitas vezes recorrendo a trabalhos informais e precarizados) e, simultaneamente, a responsabilidade quase exclusiva pelos cuidados domésticos, familiares e parentais.

Esta sobrecarga não constitui um mero detalhe externo ou um contratempo à vida acadêmica; ela é um componente central e definidor que dita quem consegue ou não permanecer no sistema educativo. Sobre esta pressão estrutural implacável que recai de forma desigual sobre o corpo discente feminino, Baltieri (2022) apresenta uma síntese teórica de enorme relevância:

É notório que as mulheres, em sua maioria, ainda são as principais responsáveis pelos afazeres domésticos e pelo cuidado com os filhos, o que acarreta uma sobrecarga de trabalho e, conseqüentemente, uma dificuldade maior em conciliar a vida acadêmica com a vida familiar. Essa realidade,

muitas vezes invisibilizada pelas instituições de ensino, reflete a manutenção de uma divisão sexual do trabalho que penaliza as mulheres e compromete a sua plena dedicação aos estudos e à vida universitária. (Baltieri, 2022, p. 28).

Para organizar esta análise sociológica de uma forma científica e metodologicamente viável, o monitoramento institucional das turmas entre as coortes de 2019 e 2024 procedeu à divisão da população discente em quatro perfis analíticos principais. Essa segmentação é o pilar que permite à pesquisa isolar as variáveis de gênero e origem escolar/renda, viabilizando a observação precisa de como essas intersecções afetam o fluxo acadêmico, conforme detalhado no Quadro 1.

Quadro 1 - Classificação Interseccional dos Perfis Discentes (Coortes 2019 a 2024)

Perfil Analítico	Gênero	Modalidade de Ingresso	Caracterização da Vulnerabilidade
Perfil A	Masculino	Cotista (Social/Racial)	Alta vulnerabilidade socioeconômica.
Perfil B	Masculino	Ampla Concorrência	Baixa/Média vulnerabilidade socioeconômica.
Perfil C	Feminino	Cotista (Social/Racial)	Altíssima vulnerabilidade (intersecção de classe, gênero e sobrecarga de cuidados).
Perfil D	Feminino	Ampla Concorrência	Expostas às dinâmicas de gênero, porém com menor vulnerabilidade financeira.

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

O foco e a energia desta monografia residem expressamente no Perfil C, não por força de uma escolha militante ou arbitrária, mas porque este grupo representa a síntese perfeita da resistência humana e intelectual dentro do labirinto socioacadêmico. Estas mulheres enfrentam "minotauros"¹⁴ que são, em simultâneo, estruturais, institucionais e profundamente sociais. Compreender o funcionamento deste perfil é, portanto, o primeiro e mais decisivo passo para avaliar de forma honesta se a universidade pública está a ser, de fato, um espaço democrático de

¹⁴ Metáfora adaptada do universo literário e utilizada conceptualmente por Azevedo (2025) para descrever com precisão os obstáculos impiedosos que "devoram" o tempo e a integridade da estudante, tais como a exaustão física, a insegurança alimentar, a ineficiência do transporte público e as crises de ansiedade geradas pela elevada pressão produtivista da academia.

inclusão cidadã ou se atua apenas como um rigoroso funil de passagem que exclui os mais vulneráveis.

3.2 A Evidência Quantitativa como Virada de Chave: Por que as Mulheres Cotistas?

A decisão metodológica de centralizar a totalidade desta investigação nas trajetórias das mulheres cotistas (Perfil C) não nasceu de uma vontade teórica prévia ou de uma hipótese construída à distância da realidade escolar. Pelo contrário, a verdadeira "virada de chave" conceptual deste estudo aconteceu de forma surpreendente durante a fase exaustiva de análise quantitativa dos dados referentes às coortes de 2019 a 2024. Ao observar com minúcia os gráficos de sobrevivência académica e ao mapear os índices de evasão intramuros na UENF, a equipe de pesquisa deparou-se com um fenómeno empírico que parecia, à primeira vista, contradizer em absoluto a lógica do senso comum e as próprias previsões da sociologia clássica: o grupo que possuía os maiores e mais graves obstáculos socioeconómicos — as mulheres cotistas — era justamente aquele que apresentava os melhores e mais sólidos índices de persistência rumo à conclusão do curso.

Historicamente, a literatura sociológica vocacionada para a educação tendia a focar-se quase em exclusivo no diagnóstico do fracasso. O esforço académico concentrava-se em explicar os motivos que levavam os alunos pobres a abandonarem a escola, elaborando densas teorias sobre a reprodução das desigualdades e sobre o défice de capital cultural herdado. No entanto, a frieza dos dados recolhidos na UENF mostrou uma realidade radicalmente oposta. Enquanto os homens cotistas (Perfil A) apresentavam uma maior instabilidade de fluxo e uma tendência mais acentuada para o abandono sistémico nos primeiros semestres, as mulheres do Perfil C criavam raízes profundas na instituição. Elas "seguravam" a vaga conquistada com uma determinação estatisticamente superior à de todos os outros grupos analisados.

Esta evidência matemática transformou, de forma irremediável, o rumo e a vocação da investigação. Em vez de continuar a perguntar repetidamente "por que é que elas saem" ou "porque é que falham", a pesquisa assumiu a responsabilidade científica de investigar "o que é que elas fazem para conseguir ficar". Este

deslocamento de olhar, que transfere a atenção da ausência para a presença e do fracasso para o sucesso, é exatamente o que o investigador Bernard Charlot (2000) designa como leitura positiva. Charlot propõe de forma veemente que a ciência da educação tem o dever ético de aprender com a resiliência improvável:

Uma leitura 'positiva' e não mais 'em negativo', que se pergunte não mais o que falta àqueles que fracassam, mas o que ocorre com eles e o que se passa com aqueles que têm êxito. É uma recusa a uma sociologia que só sabe falar dos jovens das classes populares em termos de 'carências' e 'handicaps' socioculturais. (Charlot, 2000, p. 16).

Desta forma, o recorte e o foco absoluto nas mulheres cotistas justificam-se plenamente porque elas constituem o exemplo máximo da eficácia cruzada entre as políticas afirmativas do Estado e as táticas individuais e coletivas de suporte informal. Estas estudantes não se limitam a ocupar passivamente a vaga gerada pela lei de cotas; elas atribuem um novo, profundo e politizado sentido à existência da própria universidade pública. A escolha deste objeto de estudo tão específico permite entender de que modo a mobilização individual conecta-se ao amparo institucional¹⁵.

Os números consolidados do período entre 2019 e 2024 "gritaram" para os investigadores que havia algo de extraordinário a ocorrer entre estas mulheres nos corredores e nas salas de aula. Assim, a pesquisa quantitativa funcionou como uma imprescindível bússola metodológica, indicando que o segredo da permanência na UENF não residia exclusivamente na transferência financeira mensal das bolsas, mas sobretudo em algo imaterial que ocorria na relação destas mulheres com o saber e, muito especialmente, na relação de solidariedade com as suas pares¹⁶.

Esta descoberta monumental exigiu que o trabalho saísse do conforto burocrático dos gabinetes para mergulhar na vida pulsante da sala de aula. Se as mulheres cotistas são as que mais resistem contra todas as probabilidades económicas, entender as suas táticas deixa de ser uma mera curiosidade

¹⁵ O amparo institucional referido diz respeito ao tripé da assistência estudantil fundamental da universidade, que inclui o acesso inegociável à Cota-Permanência, o direito ao Auxílio Moradia e a segurança alimentar providenciada pelo Restaurante Universitário a preços subsidiados para a baixa renda.

¹⁶ A constatação estatística da resiliência coletiva forçou a investigação a adotar métodos qualitativos inovadores, como o Endoscópio Socioacadêmico, para conseguir aceder e registrar as dinâmicas subjetivas e afetivas que as planilhas oficiais não conseguem traduzir nem enxergar.

sociológica e passa a ser absolutamente fundamental para que a Administração Pública possa, no futuro, aprimorar, fortalecer e humanizar as suas políticas de assistência educacional.

3.3 Políticas Afirmativas como suporte material: Cotas, Permanência e Moradia

A garantia do acesso ao ensino superior por meio da Lei de Cotas nº 12.711/2012 representou, inegavelmente, um dos maiores e mais urgentes avanços democráticos na história das políticas públicas educacionais brasileiras. Durante décadas, a universidade pública operou como um espaço de reprodução de privilégios, onde o mérito era medido por critérios que ignoravam as profundas desigualdades de origem. No entanto, a democratização do acesso, por si só, não se traduz automaticamente na democratização do sucesso escolar. A concretização de uma verdadeira justiça social exige que o Estado forneça mecanismos robustos que assegurem a manutenção material desses estudantes, uma vez que o ingresso nas universidades, como é o caso da UENF, expõe o discente das camadas populares a exigências financeiras e logísticas que ultrapassam largamente a capacidade de suas famílias. O "estado de cotista" não termina no ato da matrícula; ele é uma condição política que demanda a formulação de políticas de assistência estudantil contínuas.

No contexto específico da UENF, os programas de assistência, que englobam a Cota-Permanência, o Auxílio Moradia e o subsídio integral ao Restaurante Universitário, constituem o alicerce material basilar sem o qual a sobrevivência acadêmica seria, para a imensa maioria, inviável. Esses auxílios exercem um evidente e imediato "efeito protetor" sobre as trajetórias discentes. Eles atuam mitigando o impacto direto da vulnerabilidade econômica extrema, que historicamente atua como o principal mecanismo silencioso de expulsão dos estudantes pobres das salas de aula. Ao garantir o provimento das necessidades básicas de alimentação, moradia e transporte, a instituição permite que a aluna minimize o tempo que precisaria dedicar a trabalhos informais e precarizados. Esse suporte devolve à estudante o direito ao tempo, o tempo necessário para focar nas atividades de ensino, ler os textos densos exigidos pelas disciplinas e participar de projetos de pesquisa e extensão.

Contudo, ao analisar minuciosamente os dados das coortes de 2019 a 2024, observa-se um fenômeno que exige cautela analítica: o suporte financeiro, embora seja absolutamente indispensável, não explica de forma isolada os índices muito superiores de persistência das mulheres cotistas (Perfil C) em comparação com os homens cotistas (Perfil A). Ambos os perfis recebem rigorosamente os mesmos incentivos monetários do Estado, mas os resultados de fluxo demonstram que as mulheres gerenciam esses recursos de uma forma que potencializa a sua permanência de maneira muito mais resiliente. Essa constatação induz a uma reflexão profunda sobre como a questão de gênero influencia a recepção e a administração dessas políticas públicas de permanência.

A gestão dos recursos pela mulher cotista é atravessada pelo que a sociologia e a filosofia feminista denominam de "ética do cuidado"¹⁷. Enquanto o estudante do sexo masculino frequentemente utiliza o auxílio para a sua manutenção individual, a mulher universitária muitas vezes converte essa bolsa em um instrumento de sobrevivência de todo o núcleo familiar. O recurso da universidade compra o alimento que vai para a mesa dos filhos, ajuda na conta de luz da casa dos pais e subsidia o transporte de outros dependentes. Sobre essa complexidade do suporte material e sua insuficiência para lidar com as especificidades femininas, Baltieri apresenta um diagnóstico contundente:

“As políticas de permanência estudantil, embora fundamentais para garantir a subsistência econômica dos estudantes em situação de vulnerabilidade, tendem a operar sob uma lógica de neutralidade de gênero que ignora as especificidades da vida das mulheres. O auxílio financeiro é frequentemente partilhado com a unidade familiar, servindo para a manutenção de dependentes e despesas domésticas, o que adiciona uma camada de responsabilidade que os pares masculinos raramente enfrentam. Sem políticas que contemplem a maternidade e a rede de cuidados, a assistência material torna-se um paliativo que não elimina as barreiras estruturais impostas pela divisão sexual do trabalho.” (Baltieri, 2022, p. 32)

Essa realidade revela as lacunas que ainda persistem nas políticas de ações afirmativas. A ausência de estruturas como creches universitárias ou auxílios

¹⁷ A "ética do cuidado" refere-se à imposição social e histórica que delega à mulher a responsabilidade pela manutenção do bem-estar físico e emocional da família, fazendo com que suas decisões, inclusive financeiras e acadêmicas, raramente sejam tomadas de forma estritamente individualista.

específicos para a "parentalidade acadêmica" demonstra que a Administração Pública ainda pensa o aluno como um sujeito em contexto universal e sem dependentes. A estudante que é mãe, por exemplo, não precisa apenas de dinheiro para comer; ela precisa de uma rede de apoio que olhe para o seu filho enquanto ela assiste à aula.

Portanto, conclui-se que as políticas afirmativas de cunho financeiro atuam como uma condição necessária, mas decididamente insuficiente, para explicar o fenômeno do elevado sucesso acadêmico do Perfil C. O auxílio material fornece o chão seguro para que a caminhada possa começar, mas a travessia diária das instabilidades e das dores presentes no labirinto socioacadêmico requer outros combustíveis, de natureza muito mais subjetiva, cognitiva e afetiva, para que a aluna não desista no meio do caminho.

3.4 A "Relação com o Saber" e a mobilização das estudantes cotistas

Para compreender o que sustenta a persistência estudantil nos momentos em que o suporte material se mostra insuficiente frente ao cansaço, faz-se estritamente necessário migrar da dimensão econômica para a dimensão subjetiva do indivíduo. Essa transição analítica encontra um sólido amparo na Teoria da Relação com o Saber, formulada pelo pesquisador Bernard Charlot (2000). Segundo essa perspectiva sociológica, o sucesso ou o fracasso escolar não são meras consequências automáticas do capital cultural herdado pela família ou do conforto financeiro que o aluno possui. O aprendizado é, antes de tudo, o resultado direto de uma atividade intelectual ativa e intencional. Para que a apropriação do conhecimento efetivamente ocorra, o sujeito deve encontrar sentido e valor no ato de estudar, transformando a exigência burocrática do currículo universitário em um desejo íntimo e pessoal de emancipação.

Nesse sentido, a permanência dentro do labirinto socioacadêmico exige o que Charlot denomina metodologicamente de "mobilização". É crucial entender que mobilizar-se não é um sinônimo brando para "estar motivado". A motivação pode ser um estímulo externo e passageiro. A mobilização, por sua vez, é um movimento profundo de engajamento no qual a estudante utiliza a si mesma como o recurso principal para entrar em uma atividade que é orientada por motivos e significados

que fazem sentido para a sua vida. O aluno mobilizado sabe exatamente por que está sentado naquela cadeira suportando horas de leitura exaustiva.

Para a mulher cotista da UENF, o engajamento com os chamados "saberes-objetos"¹⁸, que englobam os densos conceitos teóricos da Administração Pública e das Ciências Sociais, assume um caráter evidente de subversão social. Apropriar-se de uma linguagem técnica, erudita e científica é uma forma de ocupar espaços de poder e de fala que, historicamente, foram violentamente interditados. Aprender não é apenas um exercício de memória para passar em uma prova; é um ato político. Sobre essa relação tensa, porém extremamente potente, com o conhecimento universitário, a dissertação de Souza assevera com precisão:

Aprender, para estes estudantes oriundos das classes populares, significa mais do que a simples absorção de conteúdos programáticos exigidos para a aprovação; trata-se de um processo profundo de apropriação de ferramentas intelectuais que lhes permitam compreender e, eventualmente, transformar a sua própria realidade social. A relação com o saber socioacadêmico constitui-se, assim, como uma relação de poder e de resistência simbólica. A conquista do diploma não simboliza apenas uma certificação profissional de mercado, mas a validação de uma existência que desafia as estatísticas de exclusão e afirma o direito à inteligência e à produção científica. (Souza, 2021, p. 45).

A pesquisa e a observação de campo revelam que as estudantes do Perfil C desenvolvem táticas sociocognitivas muito sofisticadas para evitar a desmobilização quando se deparam com a frieza institucional ou com o hermetismo excessivo de certas disciplinas. Para não sucumbirem ao sentimento de não pertencimento, elas buscam criar pontes constantes entre as teorias do Estado, as metodologias de gestão e a sociologia clássica com a realidade nua e crua de suas próprias comunidades e histórias familiares. Ao fazer isso, elas conferem um "valor de uso" imediato e prático ao saber acadêmico. O desejo de continuar estudando, mesmo nas madrugadas de exaustão após um dia de trabalho e cuidados com a casa, é alimentado pela consciência de que o domínio definitivo daquela ciência é a sua principal, e talvez única, ferramenta de ascensão social.

¹⁸ Segundo a teoria de Charlot, os "saberes-objetos" são os conhecimentos consolidados em teorias, conceitos e livros, muitas vezes apresentados de forma hermética pela academia, que o aluno precisa decodificar e dominar para obter êxito nas disciplinas formais

Desta forma, a mobilização subjetiva atua como o verdadeiro motor invisível que permite à estudante cotista atravessar as fases mais críticas e dolorosas do curso, como o já conhecido "choque cultural" do primeiro período ou as crises de ansiedade na fase de elaboração dos trabalhos de conclusão. Esta relação com o saber, contudo, não se encerra e nem se sustenta apenas na individualidade solitária da discente. Pelo contrário, o desejo de aprender e a urgência de superar os obstáculos impostos pelo labirinto são os catalisadores que impulsionam essas mulheres a saírem do isolamento e buscarem o apoio incondicional de suas pares. É exatamente neste ponto crucial que a mobilização individual transborda para a esfera do coletivo, criando as bases sólidas para as Proximidades Espontâneas Socioacadêmicas (PROESA). Esse movimento de união e partilha de saberes será explorado como a estratégia definitiva de sucesso dessas estudantes no capítulo a seguir.

4. A FORÇA DA PROESA: DADOS E REDES DE PERSISTÊNCIA NOS CURSOS DO CCH (2019 A 2024)

A quarta parte desta monografia representa o núcleo empírico e analítico de toda a pesquisa, configurando-se como o espaço onde as discussões teóricas travadas anteriormente encontram a realidade material e subjetiva das salas de aula da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Se os capítulos anteriores pavimentaram o caminho ao debater o cenário nacional, as vulnerabilidades interseccionais e a necessidade de uma leitura positiva da relação com o saber, este momento dedica-se a revelar os resultados concretos obtidos por meio do acompanhamento das turmas de Administração Pública e Ciências Sociais entre os anos de 2019 e 2024.

O objetivo central desta seção é demonstrar que a permanência estudantil não é um dado estático, muito menos um milagre individual. Ela é um processo vivo, pulsante e contínuo, que só pode ser compreendido através de métodos de observação profunda e de uma sensibilidade sociológica aguçada. O que os dados e as observações de campo revelam é que o sucesso acadêmico das mulheres cotistas é sustentado por redes de solidariedade complexas e espontâneas, capazes de transformar a dor e a vulnerabilidade individual em uma força e potência coletiva inquebrável.

4.1 Análise quantitativa do fluxo: o “efeito protetor” do Perfil C (2019 a 2024)

A investigação quantitativa realizada sobre as coortes que ingressaram na UENF entre 2019 e 2024 oferece um panorama revelador sobre a eficácia das políticas de inclusão social e as dinâmicas de gênero. Ao analisar os dados de fluxo e as taxas de sobrevivência acadêmica, torna-se evidente que a trajetória dos estudantes não segue um padrão linear ou universal. A segmentação dos dados em perfis interseccionais, cruzando gênero e modalidade de ingresso, permitiu identificar que as mulheres cotistas (Perfil C) apresentam comportamentos de persistência que desafiam as expectativas geradas pela sua condição de maior vulnerabilidade socioeconômica. Observou-se que este grupo detém índices de

retenção significativamente superiores aos dos homens cotistas (Perfil A), mesmo quando ambos desfrutam dos mesmos suportes financeiros institucionais.

A materialidade dessa assimetria no sucesso acadêmico pode ser visualizada quando acompanhamos o status de vínculo desses estudantes ao longo dos anos. A Tabela 1 consolida as taxas de persistência (alunos ativos e/ou diplomados) em contraste com os índices de evasão real, evidenciando a disparidade de retenção entre os perfis.

Tabela 1 - Taxas de Permanência e por Perfil Interseccional nos cursos de Administração Pública e Ciências Sociais do CCH (2019-2024)

Coorte de Ingresso	Taxa de Persistência Perfil A (Homens Cotistas)	Taxa de Persistência Perfil C (Mulheres Cotistas)	Diferença Percentual (Efeito Protetor)
2019	12,50%	20,83%	+ 8,33 p.p.
2020	0,00%	13,04%	+ 13,04 p.p.
2021	4,35%	13,04%	+ 8,69 p.p.
2022	14,29%	14,29%	0,00 p.p.
2023	13,64%	18,18%	+ 4,54 p.p.
2024	5,88%	17,65%	+ 11,77 p.p.
Média Geral	8,46%	16,15%	+ 7,69 p.p.

Fonte: Elaborado pelo autor (2026) com base nos microdados de fluxo da UENF.

Esse fenômeno estatístico, perfeitamente ilustrado na Tabela 1, consolida o que a pesquisa denomina de "efeito protetor". Trata-se de uma "blindagem" social que parece atuar com mais vigor sobre as trajetórias femininas. Enquanto os homens cotistas apresentam uma maior instabilidade no percurso, com interrupções de matrícula mais frequentes ou abandono sistêmico nos primeiros semestres, as mulheres cotistas demonstram uma maior capacidade de "fincar raízes" na universidade. Essa persistência não é fruto do acaso; ela reflete uma postura estratégica diante do curso superior, percebido por essas mulheres não apenas como uma opção individual de carreira, mas como uma missão de transformação familiar e social. Sobre a importância de olhar para esses padrões de persistência em detrimento da mera contagem de baixas, Tinto (2006) reforça a necessidade de

uma análise voltada para a ação institucional:

A persistência não é simplesmente o resultado de habilidades acadêmicas superiores ou de recursos financeiros abundantes. Ela é, em grande medida, o produto da integração do estudante no ambiente social e acadêmico da instituição. Quando as universidades conseguem criar ambientes que acolhem e validam as experiências dos estudantes, especialmente daqueles oriundos de camadas populares, as chances de sucesso aumentam drasticamente. Entender por que certos grupos, como as mulheres de baixa renda, conseguem persistir mesmo sob forte pressão, fornece as chaves para que as instituições transformem suas práticas de retenção em estratégias de sucesso real. (Tinto, 2006, p. 11, tradução nossa)¹⁹

Durante o período crítico de 2020 a 2022, marcado pela emergência da pandemia de COVID-19 e pela transição para o ensino remoto, o efeito protetor do Perfil C foi testado em sua máxima capacidade. Os dados mostram que, apesar do isolamento social e da sobrecarga de cuidados domésticos, as mulheres cotistas da UENF foram as que mais lutaram para manter o vínculo acadêmico ativo. Elas demonstraram uma resiliência notável, adaptando-se às novas tecnologias e buscando alternativas para não interromperem o fluxo. Essa evidência quantitativa "grita" que a permanência feminina na UENF é movida por um compromisso que transcende a burocracia escolar. O número, portanto, deixa de ser gélido para se tornar um testemunho de resistência: ele prova que o suporte material das bolsas é o solo, mas o desejo de diploma é o motor que mantém essas mulheres no labirinto.

Dessa forma, a análise quantitativa atua como o fundamento que legitima a investigação qualitativa subsequente. Se os números corroboram que elas ficam mais, a ciência precisa agora explicar como elas fazem para ficar. Sem esse refinamento estatístico, a gestão pública corre o risco de ignorar o potencial transformador dessas trajetórias. A persistência das mulheres cotistas entre 2019 e 2024 é, em última análise, a prova cabal de que a universidade pública, quando ocupada por sujeitos mobilizados, torna-se um espaço de subversão das estatísticas

¹⁹ *"Persistence is not simply the result of superior academic skills or abundant financial resources. It is, to a large extent, the product of the student's integration into the social and academic environment of the institution. When universities can create environments that welcome and validate the experiences of students, especially those from popular classes, the chances of success increase dramatically."*

de exclusão.

4.2 Endoscópio Socioacadêmico e as mediações no cotidiano da sala de aula

Para desvendar os mecanismos humanos e invisíveis que sustentam os altos índices de permanência das mulheres cotistas, faz-se estritamente necessário adotar uma ferramenta metodológica que permita incursões profundas na realidade diária dos estudantes. É nesse cenário investigativo que se consolida a utilização do Endoscópio Socioacadêmico. Esta abordagem, desenvolvida no seio do Núcleo de Estudos sobre Acesso e Permanência na Educação (NUCLEAPE), propõe um olhar clínico, empático e minucioso sobre as interações que ocorrem no chamado "mundo da vida" da universidade. Diferente das metodologias tradicionais, que frequentemente tratam a sala de aula como uma variável estática, o endoscópio propõe uma imersão nas mediações, nos conflitos e nas solidariedades que se manifestam cotidianamente entre as carteiras.

A sociologia da educação clássica costuma lidar quase exclusivamente com o mundo formal do ensino. Nesse universo burocrático, vigora a ideia do aluno como invenção, um conceito elaborado pelo educador espanhol José Gimeno Sacristán (2005). O aluno inventado é aquele sujeito padronizado pelas normas da escola: espera-se dele apenas que sente, ouça as aulas passivamente, realize as avaliações no prazo e não traga os seus problemas sociais para dentro do campus. Contudo, quando o endoscópio socioacadêmico é inserido no ambiente dos cursos do Centro de Ciências do Homem (CCH) da UENF, o que se observa está diametralmente distante dessa invenção fria. O que a lente da pesquisa capta, na verdade, é a emersão de alunos reinventados.

Esses estudantes reinventados, protagonizados de forma muito conclusiva pelas mulheres cotistas das coortes de 2019 a 2024, não sobrevivem à graduação de forma isolada. A observação endoscópica revelou que as mediações no cotidiano da sala de aula são o principal antídoto contra a exclusão. Para organizarem os seus estudos e a sua sobrevivência, essas alunas utilizam o que o sociólogo francês Laurent Thévenot (1984) chama de "investimentos de forma". Na prática socioacadêmica, um investimento de forma ocorre quando as estudantes criam recursos e ferramentas compartilhadas que coordenam e facilitam seus interesses

cognitivos. Carmo, Souza e Josuel (2023) explicam essa dinâmica da seguinte maneira.

Tal fenômeno, quando submetido à pesquisa com (e não sobre) estudantes, gera investimentos de forma, noção desenvolvida por Laurent Thévenot, que possibilita aos estudantes coordenarem interesses e saberes situados e entrelaçados por desempenhos cognitivos, comportamentais e emotivos. A partir de um dispositivo provocador-reflexivo de auto-observações e observações mútuas, na sala de aula, intuimos a emersão de alunos reinventados que tangenciam perspectivas do aluno como invenção, noção elaborada por José Sacristán. (Carmo, Souza e Josuel, 2023, p. 2).

Um grupo de mensagens instantâneas focado exclusivamente em debater os textos de Administração Pública, uma pasta na nuvem abastecida com resumos detalhados, ou o ato de dividir o valor das cópias reprográficas são exemplos vivos de investimentos de forma. Eles exigem um esforço inicial de criação e organização por parte de algumas alunas, mas, uma vez estabelecidos, economizam a energia mental, o tempo e o dinheiro de todo o grupo.

Além disso, o endoscópio revela que as mediações em sala de aula são atravessadas pela "reflexividade comunicativa", conceito da socióloga Margareth Archer (2003). Ao contrário do estudante individualista, que sofre calado com a iminência de uma reprovação, a mulher cotista processa as suas angústias acadêmicas verbalizando-as com suas pares. O medo de não compreender a linguagem acadêmica não é internalizado como um fracasso pessoal e solitário; ele é falado, debatido e resolvido coletivamente nos corredores ou nos intervalos. A sala de aula deixa de ser apenas um auditório de transmissão vertical de conteúdo para se tornar um território horizontal de mediação e acolhimento, preparando o terreno fértil para a consolidação das redes de proximidade.

4.3 Proximidades Espontâneas Socioacadêmicas (PROESA): o fio de Ariadne e a resistência coletiva

A descoberta central que dá sentido aos dados quantitativos de persistência e coroa a observação qualitativa desta monografia é a identificação das Proximidades Espontâneas Socioacadêmicas (PROESA). Criado no âmbito do NUCLEAPE, o

conceito de PROESA define de forma precisa as redes de sociabilidade, envolvimento afetivo e suporte intelectual que nascem de maneira inteiramente natural e não institucionalizada entre as discentes. Trata-se de uma resposta orgânica e, em certa medida, rebelde dos estudantes contra as deficiências burocráticas da própria universidade. É fundamental destacar que a PROESA não nasce por decreto da reitoria, nem faz parte de um programa formal de tutoria; ela emerge da necessidade visceral que as alunas sentem de se protegerem mutuamente das ameaças de evasão.

No denso e desafiador ambiente universitário, a PROESA opera magistralmente como o "Fio de Ariadne". Na mitologia grega, o labirinto do Minotauro era uma estrutura projetada para ser impossível de escapar; quem entrava, invariavelmente perecia. Teseu só consegue entrar, derrotar o monstro e, principalmente, encontrar o caminho de volta para a luz porque Ariadne lhe entrega um novelo de lã para marcar o trajeto. Na UENF, o labirinto socioacadêmico impõe "minotauros" reais: a fome, o cansaço do trabalho acumulado, o transporte público precário, os textos densos e a crise de ansiedade. O diploma é a saída. A PROESA atua como o fio condutor que impede as estudantes do Perfil C de se perderem na escuridão das reprovações sucessivas. Quando uma aluna cega pela fadiga não consegue ver a saída do semestre, a rede puxa o fio e a guia de volta ao fluxo.

Essa resistência coletiva manifesta-se através de um pacto tácito e silencioso entre as mulheres cotistas. Diferente da lógica meritocrática neoliberal, que enxerga o colega de classe como um concorrente em uma futura vaga de emprego, a resistência coletiva enxerga o outro como um pilar de sustentação. A pesquisa demonstra que as mulheres possuem uma "sabedoria de sobrevivência" que as leva a compreender que o sucesso acadêmico isolado é extremamente frágil. Essa resistência assume contornos práticos com imenso impacto no cotidiano: é a colega que anota a matéria para a aluna que precisou faltar por causa de um filho doente; é o mutirão de estudos organizado de véspera para garantir que ninguém zere a prova de estatística; é a escuta atenta para impedir que uma crise emocional resulte no cancelamento da matrícula.

Sobre a potência transformadora dessas redes de proximidade para a permanência na educação superior, Coelho *et al.* (2025) destacam:

“A persistência estudantil no ensino superior público não pode ser compreendida apenas como um esforço de cognição individual. Ela é, fundamentalmente, uma construção coletiva que se alicerça nas relações de proximidade estabelecidas no interior das turmas. Quando o estudante sente que faz parte de um coletivo que compartilha suas dores e suas conquistas, a universidade deixa de ser um labirinto ameaçador para se tornar um espaço de construção de futuro. As PROESA funcionam como amortecedores sociais que protegem os discentes mais vulneráveis, permitindo que a superação das barreiras acadêmicas ocorra por meio da cooperação e do afeto.” (Coelho *et al.*, 2025, p. 12).

Essa rede prova que o conhecimento não é um bem privado a ser acumulado de forma egoísta. Na lógica das mulheres cotistas, a aprovação de uma significa a vitória de todas. Contudo, para entender a profundidade desse compromisso e os motivos que tornam os laços da PROESA quase inquebráveis, a pesquisa necessita avançar para as lógicas antropológicas que regem as trocas humanas, mergulhando na economia dos afetos e das dádivas.

4.4 A Economia da Dádiva e a Retribuição Socioacadêmica para as mulheres cotistas

Para compreender a durabilidade das redes de PROESA e o motivo pelo qual as mulheres cotistas apresentam os menores índices de abandono entre 2019 e 2024, a sociologia da educação precisa dialogar com a antropologia clássica. As proximidades espontâneas não se sustentam apenas pela empatia momentânea; elas operam baseadas nas lógicas estruturais descritas pelo antropólogo Marcel Mauss em seu monumental Ensaio sobre a dádiva (1925). Mauss provou que as sociedades humanas constroem e mantêm os seus laços de coesão e solidariedade através de um sistema moral embasado em uma tríade obrigatória: o dever de dar, o dever de receber e o dever inegociável de retribuir.

Na sala de aula da UENF, as mulheres cotistas operacionalizam essa teoria diariamente, transformando o ambiente em uma verdadeira economia da dádiva. A dádiva (o favor acadêmico, o acolhimento, o material compartilhado) não é um ato de caridade desinteressada; ela cria uma dívida moral eminentemente positiva que

amarra as alunas umas às outras. O ato de compartilhar um resumo muito bem elaborado para uma prova difícil é o ato inicial de dar. A colega que está exausta por conta do seu estágio e não teve tempo de fechar a leitura pratica o ato de receber. Ela aceita a ajuda como o suporte de uma igual. Imediatamente, aciona-se o mecanismo de retribuição: nas semanas seguintes, essa mesma colega sentirá a obrigação moral de retribuir o esforço, seja marcando o lugar na fila do restaurante, explicando um conceito em outra matéria, ou prestando suporte emocional. O que Carmo, Souza e Josuel (2023) identificaram ao estudar as turmas evidencia perfeitamente esse fenômeno:

“Este trabalho, inspirado na tríade dar-receber-retribuir do Ensaio sobre a dádiva de Marcel Mauss, oportuniza a compreensão dos envolvimento socioacadêmicos que ocorrem com estudantes na sala de aula. [...] O dar, o receber e o retribuir não figuram como simples trocas mercadológicas de favores, mas como o estabelecimento de alianças afetivas e cognitivas profundas. Ao partilhar um conhecimento ou um afeto, o estudante cria um laço de pertencimento que o impede de vivenciar a universidade no anonimato, convertendo a frieza institucional em uma rede de calor humano.” (Carmo; Souza; Josuel, 2023, p. 1).

É através da troca ininterrupta dessas "dádivas socioacadêmicas" que a evasão é fortemente combatida. A ética que rege esse ciclo infinito de trocas foi captada ao longo da pesquisa através de um lema que ecoa silenciosamente entre as estudantes: "não deixar nenhum para trás". Essa ética consolida um pacto não escrito de que a formatura, para ter o seu verdadeiro sentido emancipatório, precisa ser coletiva. A constatação mais fascinante desse processo é que a dinâmica da dádiva cria um "custo moral" muito alto para o abandono do curso.

Quando uma estudante da rede PROESA, por força das adversidades financeiras ou familiares, pondera evadir da universidade, ela percebe que não está apenas a cancelar uma matrícula num sistema; ela está a romper uma imensa corrente de dádivas e afetos. Evadir significa abandonar aquelas que a ajudaram e falhar com aquelas que dependem da sua retribuição. Essa responsabilidade coletiva é um âncora formidável. A amiga a "puxa" de volta para o fio de Ariadne, a rede absorve parte da sua carga, e o grupo impede a queda individual.

A conclusão maior deste capítulo empírico reside na constatação de que a universidade pública, com as suas lógicas meritocráticas e muitas vezes excludentes, só é efetivamente democratizada quando é subvertida pelos próprios estudantes. O labirinto socioacadêmico é implacável, e a bolsa de permanência, embora vital, não compra a vontade de estudar. O que a pesquisa comprova, de forma contundente e inquestionável, é que a permanência acadêmica das mulheres cotistas é um milagre forjado na solidariedade. Elas resistem, persistem e chegam ao diploma porque praticam a dádiva de se recusarem, diariamente, a soltar a mão umas das outras.

5 CONCLUSÃO

A trajetória investigativa percorrida ao longo desta monografia consolida um esforço acadêmico de profunda ruptura com as lógicas tradicionais que, historicamente, pautaram a observação do ensino superior no Brasil. Ao longo dos capítulos, demonstrou-se que a análise da vida universitária não pode mais ser refém de uma perspectiva contábil, focada obsessivamente nas métricas do fracasso, da ausência e da evasão. O encerramento deste trabalho não representa apenas a entrega de um relatório de pesquisa, mas a afirmação de um novo paradigma de observação socioacadêmica: a urgência de se praticar uma leitura afirmativa e positiva das trajetórias discentes, buscando compreender, com rigor científico e sensibilidade humana, os motivos que levam os estudantes a permanecerem em um ambiente repleto de adversidades.

O foco central desta investigação recaiu sobre o Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, especificamente nos cursos de Administração Pública e Ciências Sociais, acompanhando as coortes que ingressaram entre os anos de 2019 e 2024. Este recorte temporal revelou-se de uma riqueza ímpar, pois englobou momentos de estabilidade presencial, a ruptura drástica provocada pela pandemia global e o subsequente retorno às salas de aula. Nesse cenário de intensas instabilidades materiais e emocionais, a pesquisa propôs-se a mapear o fluxo estudantil, separar as tipologias de abandono e, sobretudo, investigar as táticas de sobrevivência dos grupos mais vulneráveis.

A primeira grande constatação que alicerça o fechamento deste trabalho diz respeito à necessidade de depuração dos dados oficiais. Demonstrou-se que as estatísticas governamentais, embora úteis para o delineamento de macropolíticas, são lentas e gélidas no trato da realidade intramuros. Elas falham ao não distinguir a evasão real da falsa evasão. Quando o sistema contabiliza como desistente um indivíduo que apenas efetivou uma matrícula virtual, mas nunca cruzou os portões da universidade ou sequer conheceu a sala de aula, cria-se um diagnóstico distorcido. Essa falsa evasão mascara o verdadeiro esforço institucional e penaliza indevidamente as políticas de acolhimento e assistência estudantil. Ao limpar essa variável, a pesquisa conseguiu olhar exclusivamente para aqueles que, de fato,

adentraram o labirinto socioacadêmico e tentaram a travessia. E foi exatamente ao focar nesses sujeitos reais que a pesquisa encontrou a sua maior revelação quantitativa.

A análise rigorosa dos microdados de fluxo evidenciou uma anomalia estatística que desafiava as premissas da sociologia da exclusão. Esperava-se, segundo o senso comum e a lógica da reprodução das desigualdades, que os estudantes portadores do maior número de vulnerabilidades sociais e econômicas fossem os primeiros a sucumbir às pressões do curso. Contudo, os dados revelaram o extremo oposto. As mulheres ingressantes pelo sistema de cotas provaram ser o grupo com a maior resiliência e a maior taxa de sobrevivência acadêmica dentro da instituição, superando amplamente os índices de persistência de seus pares masculinos, independentemente da modalidade de ingresso destes últimos.

Esta descoberta quantitativa atuou como a grande virada de chave da monografia. Ela provou matematicamente a existência de um "efeito protetor" que blinda as trajetórias femininas. Diante desse cenário, a pesquisa abandonou a formulação de hipóteses sobre as razões da saída para se debruçar integralmente sobre as dinâmicas de permanência. Compreender como as mulheres cotistas resistem tornou-se o imperativo do estudo, pois elas representam o ponto máximo de eficácia das políticas de inclusão da universidade.

A partir dessa constatação, a análise avançou para a dimensão qualitativa e estrutural do problema, adotando a interseccionalidade como lente de observação. Ficou patente que a jornada da mulher cotista não pode ser lida de forma unidimensional. Ela carrega consigo o peso indissociável da classe social, do pertencimento racial e das exigências de gênero. A universidade, desenhada historicamente para um sujeito de dedicação exclusiva e sem dependentes, impõe a essas alunas uma rotina esmagadora. A sobrecarga da tripla jornada, dividida entre as leituras densas exigidas pelos professores, a necessidade de gerar renda para o sustento próprio e a responsabilidade quase unilateral pelos cuidados com a casa, com os filhos ou com familiares idosos, cria um conjunto de ameaças silenciosas. Esses obstáculos, descritos metaforicamente como os minotauros do labirinto socioacadêmico, devoram a energia física, o tempo livre e a saúde mental das estudantes.

Diante desse quadro de exaustão, a pesquisa avaliou o papel das políticas afirmativas. Concluiu-se que o aparato de assistência estudantil fornecido pelo

Estado, materializado nas bolsas de permanência, no auxílio moradia e no acesso subsidiado à alimentação no campus, é absolutamente inegociável. Sem esse pilar material, a evasão seria uma consequência imediata e devastadora. No entanto, o suporte financeiro revelou-se apenas como o piso dessa estrutura, e não como o teto. Como homens e mulheres cotistas recebem rigorosamente os mesmos auxílios, o fator financeiro isolado não conseguiu explicar a superioridade na permanência feminina. Ficou claro que as mulheres gerenciam esses recursos a partir de uma ética do cuidado, onde a bolsa da universidade é frequentemente convertida em um instrumento de sobrevivência para todo o núcleo familiar, adicionando um peso de responsabilidade coletiva sobre o desempenho acadêmico daquela discente.

Se a política material não explicava tudo, era preciso buscar as respostas no campo da subjetividade. A monografia demonstrou que a persistência depende, em larga escala, de uma intensa mobilização pessoal e de uma nova relação com o saber. As estudantes cotistas que permanecem não estão apenas cumprindo um currículo burocrático; elas ressignificam o ato de estudar. Apropriar-se dos conceitos teóricos da Administração Pública e da sociologia é percebido por elas como um ato de emancipação e uma ferramenta de combate às desigualdades que marcam suas próprias histórias de vida. O diploma não é visto apenas como uma certificação mercadológica, mas como um projeto de ruptura com a pobreza e a exclusão estrutural de suas famílias. O sentido que elas atribuem ao saber é o motor que impede a desistência durante as madrugadas de estudo e as crises de cansaço.

Entretanto, toda essa força de vontade individual seria insuficiente se não encontrasse eco no ambiente coletivo. A parte final e mais decisiva desta pesquisa ocorreu quando o olhar científico adentrou o espaço físico e simbólico da sala de aula. Utilizando o método de auto e mútua observação, tratado aqui sob a ótica do endoscópio socioacadêmico, a pesquisa conseguiu captar as dinâmicas invisíveis que ocorrem no mundo da vida universitária. Descobriu-se que a sala de aula não é um ambiente passivo habitado por alunos inventados pelos regulamentos institucionais, mas um território vivo, dinâmico e pulsante, ocupado por sujeitos que reinventam constantemente as regras do jogo para conseguirem sobreviver.

A observação minuciosa desse ambiente revelou o fenômeno mais poderoso da pesquisa: a formação orgânica e ininterrupta das Proximidades Espontâneas Socioacadêmicas. Essas redes de solidariedade, que não constam em nenhum organograma da reitoria e não são financiadas por editais de extensão, representam

a verdadeira espinha dorsal da permanência na universidade pública. Elas funcionam como o fio condutor que guia as estudantes para fora das armadilhas do labirinto socioacadêmico. A pesquisa constatou que as mulheres cotistas são as grandes arquitetas dessas redes. Elas transformam a vulnerabilidade, que isoladamente seria um fator de risco para a evasão, em uma liga que une a turma.

A resistência, portanto, deixa de ser um ato solitário para se tornar um pacto coletivo de sobrevivência. As alunas coordenam os seus saberes e interesses através da partilha de materiais de estudo, da criação de grupos virtuais de apoio, do revezamento em tarefas logísticas fora da faculdade e do fundamental suporte emocional durante as crises de ansiedade que antecedem as avaliações. O medo do fracasso é verbalizado, acolhido e diluído dentro do grupo. Quando uma discente pensa em desistir, a rede a ampara, lembrando a todas do pacto não escrito que rege essas proximidades: o lema de que ninguém deve ser deixado para trás.

O funcionamento profundo dessas redes foi perfeitamente explicado pela lógica ancestral da economia da dádiva. A monografia conclui que a sala de aula habitada por essas mulheres opera sob o ciclo inquebrável do dar, do receber e do retribuir. Um resumo compartilhado de forma voluntária não é apenas um pedaço de papel; é um investimento afetivo que gera uma dívida moral positiva na aluna que o recebe. Essa discente amparada no seu momento de maior fragilidade, retribuirá o esforço em outra ocasião, criando um tecido de interdependência tão forte que o ato de evadir se torna moralmente insustentável. Desistir da universidade passa a significar não apenas o abandono de um projeto de vida, mas a traição de um grupo que depositou afeto, tempo e esperança naquela trajetória. Essa amarração coletiva é a resposta definitiva de como e por que o grupo mais vulnerável consegue se manter matriculado até a colação de grau e que a persistência leva à permanência.

Por fim, os achados desta pesquisa quantitativa e qualitativa lançam um desafio direto às estruturas de gestão da educação superior e da Administração Pública como um todo. A universidade precisa aprender com os seus estudantes. As políticas de permanência não podem continuar sendo pensadas apenas como transferências de renda desvinculadas da realidade humana. O planejamento institucional deve evoluir para reconhecer, fomentar e proteger as redes de sociabilidade que emergem espontaneamente nos corredores. A gestão pública deve criar espaços físicos e currículos que favoreçam a proximidade, reduzindo a hipercompetitividade e valorizando as ações de solidariedade socioacadêmica.

A conclusão definitiva deste estudo é que a permanência no ensino superior não é, e nunca será, uma mera concessão do Estado ou um milagre da meritocracia individual. Ela é uma conquista diária, forjada no calor das relações humanas, na partilha das angústias e na obstinação de mulheres que transformam o saber em instrumento de libertação. A universidade pública, muitas vezes fria e produtivista, só cumpre a sua função constitucional e democrática de fato quando é subvertida e humanizada pela resiliência de seus alunos. A prova irrefutável disso é que as mulheres cotistas não estão apenas atravessando o labirinto socioacadêmico; elas estão, de mãos dadas, reescrevendo as regras de como se sobrevive a ele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADÊMICO, Uenf. **Dados sobre discentes do curso de Administração Pública.** Campos dos Goytacazes, 2024. Acesso em: out., 2024.

ARCHER, Margaret S. **Structure, agency and the internal conversation.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

AZEVEDO, Patrícia Helena Barbosa. **Tecendo conexões socioacadêmicas:** um estudo sobre a permanência e persistência estudantil em um curso do ensino superior público. 2024. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2024.

BALTIERI, Carolina. **Trajetória, dificuldades e permanência das mulheres no ensino superior.** 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, 2022.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 30 ago. 2012.

CARMO, Gerson Tavares do; SOUZA, Rozana Quintanilha Gomes; JOSUEL, Valéria Viana. Um fenômeno na permanência estudantil: não deixar nenhum para trás e o Ensaio sobre a dádiva. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 24, número especial, p. 330-340, maio 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/72329>.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber:** elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro:** conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. **Cruzamento:** raça e gênero. Brasília: Unifem, 2002. p. 171-188.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo da Educação Superior.** Brasília, DF: Inep, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior>.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia.** São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 183-314.

PAIVA, Jane. Direito à educação: permanecer na escola é um problema público? In: CARMO, Gerson Tavares do (org.). **Sentidos da Permanência na Educação:** o

anúncio de uma construção coletiva. Campos dos Goytacazes: Engraf, 2016. p. 99-122.

PINHEIRO, Layla Malafaia. **A metáfora do Labirinto Acadêmico no curso de Administração Pública da UENF**. 2023. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração Pública) – Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2023.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

SOUZA, Thaís Cabral de et al.. **PORQUE FICAM AS QUE FICAM: SABERES SOCIOACADÊMICOS COMO CHAVE PARA A PERMANÊNCIA DE MULHERES COTISTAS NOS CURSOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS E ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA DA UENF**. In: Anais do XIV Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. Anais...Vila Velha(ES) Universidade de Vila Velha, 2025. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/xivconinter/1436120-PORQUE-FICAM-AS-QUE-FICAM---SABERES-SOCIOACADEMICOS-COMO-CHAVE-PARA-A-PERMANENCIA-DE-MULHERES-COTISTAS-NOS-CURSO>.

THÉVENOT, Laurent. Rules and implements: investment in forms. **Social Science Information**, Paris, v. 23, n. 1, p. 1-45, 1984.

TINTO, Vincent. Research and practice of student retention: what next? **Journal of College Student Retention: Research, Theory & Practice**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 1-19, 2006.

TINTO, Vincent. Through the eyes of students. **Journal of College Student Retention: Research, Theory & Practice**, [s. l.], v. 19, n. 2, p. 254-269, 2017.

ZIMAN, John. **Public Knowledge**: an essay concerning the social dimension of science. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

ZIMAN, John. Post-academic science: constructing knowledge with networks and norms. **Science Studies**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 67-80, 1996.